

“VER O INVISÍVEL”: PATRIMÔNIO DA IMIGRAÇÃO CROATA EM SÃO PAULO

"TO SEE THE INVISIBLE": THE HERITAGE OF CROATIAN IMMIGRATION IN SÃO PAULO

Milan Puh¹
Katia Gavranich Camargo²

Resumo: Neste artigo apresentaremos uma proposta de visibilização do patrimônio da comunidade croata em São Paulo, pensado a partir de dois projetos: “História da Croácia e da imigração croata no Brasil” e “Memória dalmata” cuja finalidade é resgatar, organizar e divulgar um arquivo comunitário. O objetivo deste trabalho é o de discutir modos de tornar visível o patrimônio de uma comunidade que, por sua condição histórica, foi apagada da história oficial, institucional de São Paulo, porém preservada como memória coletiva, nos relatos dos imigrantes, como patrimônio comunitário nas suas instituições e como discurso em seus veículos de comunicação. Metodologicamente, baseamo-nos na exploração e superação da concepção de tempo de Halbwachs (2004), que separa a história e a memória coletiva. Desse modo ofereceremos uma reflexão sobre as propostas de afirmação de patrimônios étnicos, suas tensões e dinâmicas em perspectiva diacrônica e sincrônica, alimentando uma relação dialógica entre a três instâncias envolvidas: a Universidade, o Estado e a Comunidade. Percebemos que no período formativo da comunidade (1920-1950) houve práticas de auto-organização e autogestão, e apesar da sua efemeridade, foram criadas e fechadas muitas associações e sociedades, criando-se lacunaridades ao longo do tempo. E concluímos que essas lacunaridades institucionais nos arquivos e na história oficial, podem ser potencializadas a partir de uma memória comunitária que oferece outras visões sobre os patrimônios, especialmente aqueles étnicos e que com metodológicas de busca e análise adequadas podem ajudar no desocultamento dessas histórias.

Palavras-chave: Imigração croata; São Paulo; Visibilidade; Patrimônio étnico.

Abstract: In this article we present a proposal of heritage visibilization of Croatian community in São Paulo, as a result of two projects: “History of Croatia and Croatian immigration in Brazil” and “Dalmatian memory” whose final goal is to save, preserve, organize and promote a community archive. The objective is to discuss ways of making visible the heritage of a community that was erased from the official, institutional history of São Paulo, but preserved as a collective memory, in the reports of immigrants, as community heritage in their institutions and as discourse in their means of communication. Methodologically, our research was based on the exploration and surpassing of Halbwach's (2004) conception of time that separates history and collective memory. We perceived that there were many institutions created through self-organization and self-governing but also closed, creating many voids and these voids can be used to think new methodological approaches to ethnic studies.

Keywords: Croatian immigration; Sao Paulo; Visibility; Ethnic heritage

¹ Graduado em História pela Universidade de São Paulo (2019). Pós-doutor pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (2018). Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2017). E-mail: milan.puh1@gmail.com

² Possui graduação em Nutrição pela Universidade de São Paulo (1991) e mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999). E-mail: katiagavra@gmail.com

INTRODUÇÃO

A discussão sobre o patrimônio presente em uma cidade como São Paulo é uma oportunidade constante de atualização de temas como a preservação, o espaço e a memória. Resultado de uma multiplicidade de camadas e negociações discursivas e espaciais, neste artigo apresentaremos uma proposta de visibilização de um patrimônio específico em São Paulo: o da comunidade croata. Não traçaremos uma história pretensamente linear com os seus legados no Brasil, um propósito que já foi empregado por autores como Marinović Doro (1987), Talan (1998) e Puh (2015; 2017; 2018; 2019). Pretendemos aqui abordar a história lacunar e fragmentária da presença croata, bem como a memória coletiva comunitária, para evidenciar o seu patrimônio por meio de diversos materiais (relatos pessoais, documentos institucionais, discurso acadêmico).

Destacamos que a base para a configuração do artigo se deu a partir dos projetos de pesquisa “História da Croácia e da imigração croata no Brasil”³ e “Memória dálmata”⁴, ambos focados em resgatar, organizar e evidenciar a presença croata no Brasil e, em especial, na cidade de São Paulo, construindo uma narrativa histórica e contextual sobre sua vinda e permanência, assim como em extroverter o material pesquisado em procedimentos de evidenciação do patrimônio croata em São Paulo. Pensamos que, assim, podem ser pensadas e criadas outras metodologias de pesquisa histórica e em arquivos, uma vez que o nosso pressuposto epistemológico é de que somente interdisciplinaridade teórico-metodológica pode reverter os processos de invisibilização histórica de patrimônios culturais e étnicos criados no Brasil.

Inicialmente criaremos um pequeno estado de arte no que se refere aos “desocultamentos” historiográficos em pesquisas recentes, pois trata-se de um tendência crescente em estudos de imigração eslava. Depois, faremos uma introdução das principais características da antiga e da nova pátria dos croatas no período de sua constituição comunitária,

³ Projeto desenvolvido no âmbito do projeto “História da Croácia e da imigração croata no Brasil”, iniciado em 2015 com o apoio do Escritório estatal para croatas fora da Croácia. A principal plataforma de apresentação dos resultados são a coletânea de livros “A Croácia no Brasil: histórias de uma imigração”. Os resultados desse artigo estão parcialmente elaborados e publicados nos dois volumes da coleção “Croácia no Brasil entre 1918 e 1941: segunda fase de imigração” e “Croácia no Brasil após 1941: terceira fase de emigração”.

⁴ Projeto desenvolvido na Sociedade Amigos da Dalmácia, com a finalidade de preservar e divulgar a memória da imigração croata da região da Dalmácia através de coleta, catalogação e digitalização do acervo institucional e individual dos imigrantes e seus descendentes, para disponibilização em site. Os frutos deste projeto são o roteiro afetivo dos dálmatas nos bairros do Belenzinho e da Mooca, caminhada a pé ou de carro pelas ruas dos bairros para contar as histórias dos lugares sob a ótica dos imigrantes croatas, mapeamento dos imigrantes croatas, com a finalidade de comprovar sua ocupação no bairro, com vistas a promover ações voltadas à História e ao Patrimônio desses bairros, elaboração do documentário “A Terra dos Dálmatas: os Croatas do Belenzinho” dentre outras ações.

que ocorreu na primeira metade do século XX. Após isso, apresentaremos as considerações teórico-metodológicas, quando discorreremos sobre as noções de patrimônio e memória, destacando as categorias operantes de transnacionalismo/nacionalismo metodológico e desigualdade estrutural. Isso nos dará base para analisar as razões e as causas da invisibilidade do patrimônio croata no tecido urbano paulistano, o que simultaneamente possibilitará uma explicitação do mesmo, por meio da análise dos seguintes campos: análise documental da produção midiática pelas comunidades entre as décadas de 1920 e 1950, pesquisa em arquivos da Sociedade Amigos da Dalmácia, do Arquivo nacional da Croácia e relatos registrados em trabalhos acadêmicos.

Epistemologicamente, a partir da leitura de Seibt (2012), nos apropriamos do conceito de desocultamento, esboçado por Heidegger dentro fenomenologia hermenêutica, entendendo que é preciso perguntar-se o que um fenômeno poder ocultar ao manifestar-se a quem o observa. A historiografia brasileira começa a trabalhar com a temática dos ocultamentos nos processos imigratórios somente no começo do século 21, mas de modo ainda incipiente, e volta a ser mais explorada no final desta década. René Decol (2000) é quem primeiro se preocupa com o (des)ocultamento como uma chave de leitura e que nós tomamos como conceito-base para este trabalho. O mencionado autor questiona a generalização dos registros dos desembarcados no Brasil, especialmente no que se refere aos estados compostos por diversas nacionalidades, o que, portanto, acabava ocultando a diversidade do processo imigratório para o Brasil. Em seu artigo, Decol analisa a composição étnico-religiosa da imigração polonesa na documentação brasileira até 1914, ressaltando que ela como um todo se equivale à imigração japonesa ou alemã da mesma época (DECOL, 2000, p.1) – embora não seja reconhecida no grande público o seu número e possíveis contribuições para sociedade brasileira.

Uma retomada dessa proposta, mais recentemente, encontramos também em produções acadêmicas como a de Ruseishvili (2018) que aborda os imigrantes russos cujas especificidades no histórico-sociais no processos imigratórios fazem com que passam despercebidos ou invisibilizados pela a historiografia. E esse processo de desvelamento das causas de tal ocorrência se deu pela caracterização e definição de datas de desembarque dos mesmos no Brasil, bem como a identificação dos locais em que se assentaram na cidade/estado de São Paulo. Consideramos esta pesquisa pioneira no que diz respeito às metodologias de identificação populacional dos imigrantes e seus perfis, especialmente para o contexto eslavo, o que a aproxima do nosso epistêmico e, conseqüentemente, metodológico.

Cabe mencionar mais um outro estudo que trabalha numa perspectiva próxima as duas mencionadas, porém dedicando-se a grupo mais amplo. Matos, Truzzi e Conceição (2018) levam em consideração a problemática dos registros oficiais no que se refere a participação e protagonismo das mulheres no processo migratório. Objetivam, por meio dessa óptica, revelar novas e diferentes questões até então não trabalhadas, integrando na sua metodologia elementos qualitativos e quantitativos. Certamente, o fato de terem se dedicado um grupo, mesmo não-étnico, mas marginalizado nos estudos sobre imigração, já representa uma contribuição para a própria temática. E no sentido metodológico mais ainda, pelo fato de terem sido articuladas diversas fontes: cartas, prontuários, depoimentos, memórias, imprensa diária e operária, fontes empresariais e registros censitários nas análises. E como última observação, nessa apresentação de pesquisas que dialogam com a nossa, incorre sobre uma ainda tímida exploração metodológica das possibilidades de não se preencher as lacunaridades de arquivos e da narrativa histórica, mas de potencialidades de se pensar outras visões sobre os patrimônios, especialmente aqueles étnicos.

Voltando o nosso olhar para o contexto histórico, refletiremos sobre as bases para o entendimento da invisibilidade da Croácia por ela ter integrado, parcial ou completamente, outras uniões e impérios, como o Império Austro-húngaro, Império Otomano, a República de Veneza e, mais recentemente, a Iugoslávia em suas duas versões: monárquica (1918-1941) e socialista (1945-1991). Além disso, existe o senso comum de que, quando se pensa no país Croácia, está se referindo a um país que faz parte da região geográfico-cultural dos Bálcãs e/ou também do Leste Europeu. Assim, partimos da hipótese de que a visibilidade do seu patrimônio é proporcional às identificações e classificações nacionais e étnicas em discursos comunitários e públicos, especialmente no que diz respeito à cidade de São Paulo como o maior receptor desta comunidade, contando com 70 mil, de um total aproximado de 80 a 100 mil indivíduos de origem croata no país, evidenciando a sua natureza predominantemente urbana (PUH, 2018).

Assim, ao contrário de vários países localizados ao redor da Croácia que contam com uma “evolução” na formação de Estado-Nação mais uniforme e contínua, esse país teve que percorrer um outro caminho, como afirma Katičić (2010). De modo geral, houve um encaminhamento de acontecimentos paralelos nesse processo: criação de instituições, revistas, grupos e associações com diversas denominações identitárias, mas também desiguais entre si, com posição econômica, social, identitária e cultural bastante diferentes. Portanto, este projeto nacional acabou incorporando no seu discurso sobre patrimônio diversos elementos dos países com os quais teve algum tipo de contato - normalmente tentativas de dominação, criando uma

cultura altamente hibridizada, o que é marca de países com posição histórica subalterna, como constata Hall (2003).

Isso favoreceu um retardamento na elaboração e, principalmente, na efetivação de um projeto nacional, o que se consolida efetivamente entre anos 1920 e 1950, articulado em dois tipos de contexto: no subnacional, com a divisão e integração do país por meio de regiões (Dalmácia, Eslavônia, Ístria, Zagorje, Lika etc.) ou no supranacional, com a instauração da Iugoslávia, também acompanhada pela divisão e integração da Croácia com outras repúblicas (Eslovênia, Sérvia, Bósnia e Herzegovina, Montenegro e Macedônia). Tudo isso significa que, ao falar da Croácia, tomada como um exemplo de país balcânico (e não só), estamos tratando de identidades regionais, nacional e supranacionais. Esse fato complexifica a definição de um discurso coletivo e público muito claro e homogêneo do que é ser croata, compreendido por nós como uma das principais causas da sua pouca visibilidade no cenário mundial.

Certamente há que se mencionar os fatores do lado brasileiro que podem explicar a invisibilidade de pequenas nações ou imigrações como a croata, todos já altamente explorados em trabalhos científicos, que dividimos em três: a predominância de algumas etnias (italianos, alemães, japoneses, árabes) no imaginário coletivo sobre o que é ser imigrante no Brasil, a concepção de democracia racial pela qual importa a suma indiferenciada das etnias/raças e não as suas partes e a instauração da ditadura militar no Brasil, que corta as relações com os países comunistas entre os quais a Iugoslávia, e portanto a Croácia como uma das suas repúblicas, criando-se um “medo coletivo” do Leste Europeu (PUH, 2019).

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Para entender a (in)visibilidade do patrimônio croata em São Paulo, é essencial discutir os processos discursivos que influenciaram a memória e a percepção identitária da Croácia no Brasil. Entendemos por processo discursivo a criação de uma memória coletiva e também institucional que dita regras de percepção do que pode ser a identidade e, conseqüentemente, o patrimônio. No caso da imigração croata e de seu legado, percebemos que esses processos discursivos se sobrepuseram ao trabalho material efetivo no que diz respeito à criação de patrimônio material (clubes, salas de leitura, gráficas, jornais, casas etc.) e imaterial (culinária, religiosidade, tradições culturais etc.), realizado pelos imigrantes no cultivo da etnicidade na nova pátria. Consideramos que não seja possível abordar a história da Croácia ou qualquer outro país eslavo do sul sem remeter a seu contexto, isto é, sem abordar as características culturais selecionadas e utilizadas nas classificações do que seria étnico/nacional/regional. Nesse

sentido, o patrimônio pode ser entendido como uma memória que se constitui a seu respeito, efetivada através de símbolos e filtros do que precisa ser guardado ou retido pela memória, porque, sendo operacionalizada, possa vir a servir como experiência válida ou informação importante para futuras decisões (LOTMAN, 2007).

A complexidade que envolve a nova configuração do campo do patrimônio cultural busca compreender os usos sociais do passado em perspectiva com o movimento de expansão da memória e as dinâmicas identitárias. Transcendendo os adjetivos que recebeu ao longo do tempo (histórico, artístico, móvel, imóvel, tangível, intangível, material, imaterial, paisagístico, genético, tesouro vivo etc.), a ressemantização do conceito de patrimônio é, em si mesma, sinalizadora das concepções de tempo, lugar social de produção, perspectiva teórica e metodológica e sentido político. Nesta perspectiva, aproveitando a contribuição de Nogueira (2014), concebemos também o conceito de patrimônio em termos de ser uma prática social, construída histórica e culturalmente em consonância com a busca de identidade e as demandas de “vontade de memória” no tempo presente. O “buscar resgatar a identidade” e “querer manter a memória” podem ser grandes incentivadores para manter os patrimônios existentes e para criar outros que precisam se sustentar na prática e no discurso.

Além da questão do tempo acima mencionada, ressaltamos que a (i)migração é um assunto que envolve uma atuação tanto do país de origem como do de destino, bem como de muitos outros países que interferem nessa relação de modo (in)direto. Portanto, a nossa apresentação do patrimônio croata não poderá ficar restrita a uma “leitura nacionalista”, pois propõe olhar para as necessidades e dificuldades que levaram os imigrantes a criar um ambiente familiar e confortável no mundo novo e desconhecido que encontraram. Isso exige uma reflexão sobre olhar para essa identidade e suas construções históricas, inseridas nos processos de constituição nacional e, no caso da atuação da comunidade croata no Brasil, no contexto mundial mais amplo. Nos inspiramos na contribuição teórica de Schiller (2010), que coloca a migração como um dos numerosos processos que ultrapassam as fronteiras nacionais e contribuem para com a constituição ou restrição do poder do Estado, opondo-se ao que chama de “nacionalismo metodológico”. As duas expressões que criticam nacionalismos dizem respeito a uma tendência dos estudiosos das migrações em misturar a noção de estado-nação com a de sociedade na sua concretude múltipla, enxergando-as como estanques e separadas da história das comunidades em contextos nacionais.

Aqui também cabe explorar outro conceito operante na nossa explanação do patrimônio croata e da sua invisibilidade na história da cidade de São Paulo e do Brasil. Trata-se do

desequilíbrio estrutural, introduzido por Portes e Walton (1981) que discorrem sobre os desequilíbrios entre os países mais ricos, considerados centrais na economia mundial, e aqueles menos ricos, chamados de periféricos, aos quais a Croácia, como parte da Iugoslávia, pertencia entre 1918 e 1990. Com este conceito propomos refletir sobre a concepção de dependência e autonomia cultural que incorporamos como mais um elemento da nossa leitura analítica dos processos discursivos que formam uma memória institucional que invisibiliza o patrimônio que nativos da Croácia criaram no Brasil.

Outro campo que devemos discutir é o da memória, podendo ser, em nosso caso, institucional, coletiva e comunitária. Identificamos a memória como aliada ao processo de transformação de impressões e ideologias em algo quase sólido, que pode ser moldável, dependendo dos desejos de quem detém o poder. Consideramos que as memórias, que são criadas e/ou recebidas, interagem com as ações cotidianas das comunidades cuja existência depende da construção de uma teia complexa de acontecimentos internos (no Brasil) e externos (na Croácia e no mundo), como afetividades e lembranças usadas para “imaginar” e “mitigar” a própria comunidade. Também deixamos claro que a memória não é o “avesso oculto da história política hegemônica” (BOSI, 2003, p. 20), pois a memória individual do que ocorreu é perpassada pela memória coletiva, que também dá contornos ao que se narra.

A autora cujos trabalhos são considerados clássicos e, portanto, bastante citados e criticados, nos ajuda em nossas reflexões sobre a relação entre as memórias e o patrimônio imigrante croata, pois afirma que a história que se apoia somente em documentos oficiais não consegue dar conta de expressar as afetividades individuais, que ficam veladas atrás dos episódios particulares, pertencentes a uma história oficial. Aproveitamos as reflexões da autora no que diz respeito ao desenraizamento, que é a condição que desagrega a memória (BOSI, 1974), algo tão comum em cidades que no século XX passam por uma incorporação na sociedade de consumo, cuja principal característica é produzir, fazer circular e descartar rapidamente os objetos de status. Isso afeta fortemente aquelas comunidades que, por sua condição mais baixa na hierarquia étnica e nacional, devido ao desequilíbrio estrutural, são desenraizadas e depois esquecidas na narrativa oficial/institucional. Isso podemos também observar dentro do que se chama de políticas de memória, termo cunhado por Santos (2003), presentes em grupos e indivíduos que fazem parte de uma nação. Nesse molde, o nacionalismo é tido como movimento social associado à constituição de representações coletivas e identidades específicas (normalmente colocado como um aspecto negativo).

E, por fim, citamos Halbwachs (2004), o qual nos ajuda a pensar uma proposta

metodológica que permitiria um movimento duplo:

a) contextualização crítica da invisibilidade do patrimônio croata em São Paulo com a definição das suas linhas gerais históricas;

b) evidenciação desse mesmo patrimônio, na sua materialidade acadêmica, institucional, midiática e comunitária.

O mencionado autor nos inspirou na criação dessa proposta com a sua concepção de tempo, em que discute a distinção entre história e memória coletiva. Para ele, a história representa a esquematização arbitrária do passado, recortada artificialmente por sequências e períodos (algo perceptível no material jornalístico, acadêmico e oficial), enquanto a memória coletiva seria responsável pela representação de uma corrente de pensamento, envolvendo indivíduos, ou seja, seres humanos se relacionando no mundo real (presente na comunidade croata, mas interiorizada e escondida da sociedade).

Finalizando, como as imagens do passado resultam da relação estabelecida entre o indivíduo e algum grupo, segundo o autor, a história só é possível porque a tradição não existe mais. Nós procuramos romper com essa divisão e oferecer um procedimento metodológico que aproveite a história, por mais fragmentária e arbitrária, do discurso institucional (midiático, acadêmico ou oficial) para inseri-lo na comunidade por meio da contextualização e integração na memória coletiva da comunidade e da sociedade na qual ela está inserida. Assim, em seguida, poderemos abordar criticamente, em um movimento dialético, os patrimônios e as tradições redefinidas pela memória coletiva que contribuirão para as pesquisas, a atuação comunitária e sua relação com a oficialidade.

EXPLORANDO PATRIMÔNIOS CROATAS

A partir das palavras iniciais e das considerações teórico-metodológicas anteriormente postas, passaremos agora à exploração das características do patrimônio croata na cidade de São Paulo. Considerando a lacunaridade das informações e documentos, o nosso levantamento consistirá na narrativa acadêmica criada por pesquisadores como Talan (1998), Marinović Doro (1987) e Puh (2017; 2018, 2019); da memória coletiva relatada por imigrantes e seus descendentes e recolhida por Camargo (2017) e história documental registrada no extinto Museu da Emigração da Croácia, localizada no Arquivo Nacional da Croácia. Dessa maneira, a análise crítica desse levantamento consistirá de três tipos de dados separados, mas que complementam, repetem, confirmam e desmentem, no que diz respeito à existência do patrimônio atualmente ainda invisibilizado. Por ora, é preciso dizer que a comunidade croata

em São Paulo criou um patrimônio nas linhas gerais a seguir:

- a) múltiplo em sua tipologia (i)material e na identificação étnica e nacional;
- b) concomitante e dissociado na sua existência e atuação ideológica;
- c) sequencial e descontínuo na recriação da herança cultural;
- d) desconexo na sua relação com o discurso pré-existente, insistindo no “marco-zero”;
- e) desigual e minorizado com relação às demais comunidades de imigrantes.

Vejamos o que essa narrativa acadêmica pode nos elucidar sobre as linhas gerais acima mencionadas. Inicialmente, a presença croata no Brasil foi trabalhada por Camargo (2017), Marinović Doro (1987), Talan (1998) e Puh (2017; 2018), os quais contribuíram academicamente para a visibilização da comunidade croata, o que nós retomaremos e ampliaremos na análise da mídia impressa e demais relatos, e pondo lado a lado as instituições de denominação supranacional iugoslava, nacional croata e regional dalmata.

Observando, inicialmente, a composição étnico-regional das lideranças nas instituições croatas e a disposição geográfica de suas residências e estabelecimentos, percebe-se que houve uma substituição na memória discursiva, depois comunitária, dos imigrantes mais antigos da comunidade envolvidos com o comércio do centro da cidade: Tvrdoreka, Simoni, Kraljević, Bogdan e outros mencionados no levantamento de PUH (2017), por outros que trabalhavam na indústria paulista da zona Leste: Šeparović, Andrijić, Dragojević, Nobile, Bačić e outros mencionados por Puh (2018), indicando um deslocamento geográfico do poder, agora exercido por um grupo mais recente de imigrantes. Nessa mudança, o centro de atenções se desloca com os croatas chegados após 1918, quando houve a formação da Primeira Iugoslávia. A tomada de posse política e econômica no seio das atividades, marcadas pelo unitarismo iugoslavo, fez com que essa parte da comunidade se afirmasse em detrimento de outros grupos, especialmente o mais antigo (considerado austríaco devido ao período de imigração em que a Croácia fazia parte do Império Austro-Húngaro), que passou por um processo de silenciamento discursivo (PUH, 2018).

Aqui chegados, esses imigrantes chamados iugoslavos foram espalhados pelas fazendas de café do Estado de São Paulo, para trabalhar no regime de colonato, o qual, segundo os próprios imigrantes, se parecia com a servidão da qual fugiam na Europa (Marinović Doro, 1987). Ao ver ruírem seus planos iniciais de conseguir terras, começaram a sair ou fugir das fazendas para a capital, para os bairros vizinhos da Mooca e do Belenzinho, que reuniam as

indústrias têxteis com presença maciça de italianos. Em pouco tempo, esses imigrantes se reuniram novamente, configurando um processo de re-aldeização, elaborado por um descendente de imigrantes, Gregório Bačić, e citado em Talan (1998), Puh (2017) e Camargo (2017). Nesses bairros, os então iugoslavos da Dalmácia moraram, no início, em cortiços, que aos poucos foram sendo substituídos por casas, construídas em regime de mutirão por eles próprios. Ajudaram na construção e manutenção das igrejas locais de São Paulo Apóstolo e de São José do Belém, bem como fizeram questão de registrar seus sobrenomes nos túmulos do cemitério da Quarta Parada, considerada pela comunidade como um patrimônio de extrema importância, dado o valor que a cultura croata dedica aos ritos de passagem e, especialmente, de morte (CAMARGO, 2017). As celebrações dos ritos se efetivaram em datas comunitárias importantes, como a festa de Santa Vicenza, padroeira de Blato, a Páscoa e o Natal.

No quesito educação, os mais novos foram alfabetizados em escolas de bairro, como a Amadeu Amaral, conhecida como a escola da comunidade, apesar de não pertencer a ela. Efetivamente o maior patrimônio material é a sede da então Sociedade Amigos da Iugoslávia, atual Sociedade Amigos da Dalmácia. A construção desse patrimônio foi possível somente após o término das proibições do período getulista, nos anos 1950, e com o início do apoio institucional do país de origem e da estabilização econômica dos imigrantes croatas, que, por sua vez, ocorreu somente após a Segunda Guerra Mundial (PUH, 2019).

Para entendermos melhor o contexto específico desse grupo de imigrantes que se identificavam como dálmatas etnicamente, enquanto nacionalmente passaram de iugoslavos para croatas, voltamos novamente para os anos 1940 e para a história institucional, na qual encontramos o arquivo na forma da exposição do Museu da Emigração do Reino da Iugoslávia (1933-1940) que localizado no Hrvatski Državni Arhiv (*Arquivo Nacional da Croácia*)⁵, que traz o relato de Franko Mirošević para o congresso eslavo sobre a vida dos emigrados em 1948. O autor afirma existir 80 mil iugoslavos que viviam predominantemente nos bairros industriais de São Paulo, vindos depois 1924, reafirmando a imagem da inexistência da imigração croata anterior à chegada maciça de famílias da ilha de Korčula, algo colocado atualmente como evidência no discurso coletivo (PUH, 2019).

Por se tratar de uma notícia que seria de interesse do jornal *Glas Istre*, no qual o relato saiu, e das lideranças iugoslavas da época, o autor, que provavelmente tinha um vínculo

⁵ É interessante perceber que a exposição que existiu no extinto arquivo entre 1933 e 1940 acabou sendo transformada em arquivo intitulado “Museu da Emigração”, recebendo numeração própria – 1619, e com seis caixas com diversos materiais onde foi possível localizar informações sobre as comunidades croatas no mundo, mas sem algum tipo de catalogação sobre a do Brasil que está nas caixas 3,5 e 6.

ideológico mais próximo ao comunismo e ao iugoslavismo, inclui como informação importante o envolvimento de parte da comunidade com os movimentos socialistas/comunistas daquele momento. Isso é algo pouco explorado em estudos sobre a presença croata no Brasil, mesmo se sabendo que parte da comunidade, pertencente à massa operária da Zona Leste de São Paulo, era envolvida com partidos socialistas ou comunistas e, portanto, mais próximos da ideia unitarista iugoslava, que não focalizava as diferenças étnicas consideradas, a grosso modo, inferiores à questão da luta de classes. Esse fato se confirma em 1938, quando teria sido aberta a Associação Pan-Eslava, que foi proibida e liquidada, decorrente da atuação do getulismo na proibição de movimentos étnicos e/ou comunistas (PUH, 2018). Nesse sentido, vemos um reforço do tripé de uma proposta para identidade croata da época: socialmente de classe operária = politicamente socialista/comunista = identidade supranacional iugoslava.

Porém, nem todos os imigrantes concordavam ou se identificavam de tal modo, como foi o caso da criação de diversas instituições no período entre guerras que não sobreviveram à pressão getulista, à desorganização interna e ao conflito com aquelas de identidade iugoslava. As informações sobre as instituições autodeclaradas croatas não são muitas, mas Talan (1998) cita que em 1928 foi criada a *Hrvatska Zajednica Zrinski* (Comunidade croata Zrinski), dentro da qual existia o *Hrvatski Sportski Klub* (Clube Esportivo Croata) e, de curta duração, o *Hrvatski List* (Jornal Croata), fundado por Milan Wollner, pai do designer gráfico Alexandre Wollner. A estabilização dessa concepção identitária se dará somente após a Segunda Guerra Mundial, com a criação e construção do clube croata Croatia Sacra Paulistana, fundado principalmente por imigrantes que chegaram refugiados após 1945, com um sentimento nacional croata muito mais forte, colocando-se em oposição ao socialismo/comunismo e, portanto, ao iugoslavismo.

No mesmo sistema de trabalho em mutirão, os imigrantes conseguiram construir, com a ajuda da igreja católica, um clube na zona sul de São Paulo, inaugurado com o nome Croatia Sacra Paulistana. Pelo fato de a associação ter uma designação religiosa, a ponto de ter em uma sala uma pequena capela dedicada ao cardeal Alojzije Stepinac, fica evidente que o seu cunho abertamente religioso. Organizavam-se romarias para santuários nacionais brasileiros, primeiras comunhões, casamentos dos membros ou missas na língua croata na igreja do Carmo, que recebia imigrantes croatas com essa visão de mundo, servindo como ponto de encontro desta parte da comunidade até a construção do clube (TALAN, 1998). Cabe mencionar que ambos os clubes continuam atuantes, preservando o patrimônio (i)material que os croatas criaram em São Paulo, porém, muitas outras instituições, entidades e legados desapareceram

fisicamente, quase completamente eliminados da memória coletiva da comunidade e totalmente da história geral de São Paulo. Aqui, o tripé identitário é outro: socialmente de classe média ou alta = politicamente antissocialista = identidade nacional croata, como já foi explorado no livro de Puh (2019) em que são explicitadas as condicionantes sociais que ajudaram essa comunidade a ascender economicamente: as discordâncias políticas e o caráter de fugitivo de guerra, que a tornava antissocialista e anti-iugoslavista, e, por fim, o reforço de seu caráter de consolidação nacional católica e, portanto, croata.

Porém, como já além destas instituições ainda atuantes, levantaram-se outras histórias das instituições que já fizeram parte do patrimônio croata e foram citadas nos trabalhos acadêmicos mencionados acima. Localizamos, portanto, na documentação do Arquivo Nacional da Croácia muitas informações que ajudam a complementar a memória coletiva, com uma coleção específica chamada Emigração com número de série 1355, na qual novamente não havia indexadores específicos para o Brasil, exigindo uma verificação individual de cada folha. E nessa procura encontramos um trecho do jornal *Jugosloven u Braziliji* do ano de 1934, lista das primeiras instituições fundadas no começo do século, como o *Conjunto Musical de Tamburicas Iugoslavo*, de 1903, o clube *Águia Iugoslava*, de 1907, e a filial da *Defesa Nacional Iugoslava*, de 1915. Esse patrimônio (i)material de designação iugoslava, mas com a participação quase exclusiva de croatas (PUH, 2017; TALAN, 1998), nos diz que já existia uma memória coletiva da comunidade naquela época, mas de modo desconexo da situação atual e descontínuo na atuação, pois nenhuma das mencionadas instituições ou entidades existiam em 1934. Portanto, sabia-se da existência de um patrimônio, criado enquanto a Croácia fazia parte do Império Austro-Húngaro, mas que naquele momento não existia mais, ficando para o passado, desconexo do presente e resgatado como marco histórico.

Neste segundo momento, em que a Croácia deixa de ser parte do Império Austro-Húngaro e compõe a Iugoslávia, encontramos a partir de 1920 a menção da *Jugoslovenska Narodna Zajednica* (Comunidade Nacional Iugoslava), situada à Praça da Sé, número 6, no local em que atuava um tal Venceslav Paeta, que abrirá o primeiro consulado. Ainda no mesmo ano, Paeta, incentiva a criação da *Hrvatska Čitaonica* (Sala de Leitura Croata), para a qual se procurou doações da comunidade, já que as associações não possuíam meios para financiar a compra, o que nos leva novamente à discussão da condição financeira do imigrante, das associações e dos países de emissão e recepção, indicando uma grande desigualdade entre o imigrante croata e aqueles de outras nacionalidades melhor posicionadas economicamente -

alemães, italianos e húngaros - aos quais tendia uma parte da comunidade.

Dentro desse histórico surgiu um subtópico importante que mostra bem o caráter descontínuo da patrimonialização croata do espaço paulistano, perceptível no nascimento, desenvolvimento e morte de instituições de apoio comunitário. Referimo-nos às associações ou uniões cujo principal papel era apoiar o imigrante. Assim, foi fundada em 1929 a *Jugoslavenska Narodna Zadruga* (Cooperativa Nacional Iugoslava), cuja função era possibilitar alguma estabilidade financeira aos seus membros e proporcionar ações coletivas que visassem a melhorar tanto a condição da comunidade imigrante quanto a de seus indivíduos. Ressaltamos que não existiam somente as instituições de caráter étnico croata ou iugoslavo, porque foi aberta também uma da associação eslovena⁶, o que indica uma preocupação dessa etnia em ter uma entidade que cuidasse especificamente de alguns assuntos de seu interesse. Temos, no entanto, um caso curioso e bem documentado de uma associação de apoio. Em 1931, funda-se a *Jugoslavensko Potporno Udruženje* (União Mútua Iugoslava), cuja proposta era semelhante à primeira aqui mencionada, facilitando aos imigrantes também o regresso à Pátria, bem como o auxílio em caso de doença ou morte. Mas, em 1936, a mesma foi liquidada, criando-se um comitê de liquidação liderado por Ivo Butković, Franjo Paternost e Bogdan Stojkov. A continuidade dessa história se dá no dia 3 de janeiro de 1937 com a abertura da II *Jugoslovensko Potporno Udruženje* (2ª União Mútua Iugoslava). Assim, nos bairros do Belém e da Mooca, onde se encontrava uma grande parte de imigrantes vindos da Dalmácia, foram também criadas algumas instituições que pertencem ao passado, ou como diria Halbwach à história, já que não se mantiveram vivas na comunidade, como o *Jugoslavenski Narodni Dom* (Clube Nacional Iugoslavo), de 1929, que tinha uma seção muito atuante, chamada *Zabavna Omladinska Sekcija* (Seção Jovem de Diversão), a qual organizava bailes e apresentações teatrais.

Na documentação do Arquivo Nacional da Croácia, encontramos também uma série de fotografias e trechos, extraídos de vários números da revista *Jugosloven u Braziliji*, publicada em São Paulo, que integrou a exposição permanente do extinto Museu da Emigração do Reino da Iugoslávia (1933-1940), os quais constroem uma narrativa própria sobre a vida e as modificações na comunidade. Mostram as instituições da época, bem como registram eventos importantes, oferecendo, informações visuais e, por isso, os incluiremos diretamente aqui. De

⁶ A Eslovênia participava como uma das regiões ou repúblicas da Iugoslávia, posicionada em segundo lugar no que diz respeito ao envio de imigrantes no Brasil (PUH, 2018).

certo modo, são complementares à constituição da história institucional e memória coletiva da comunidade croata no período definido.

Na figur 1, publicada no dia 21 de setembro de 1929, diz respeito ao já mencionado conjunto musical de tamburica da *Jugoslovenska Narodna Zajednica*, fundado em 1903, considerando-a como principal entidade da cultura croata. Ou seja, naquela época, segundo essa imagem retirada do jornal *Jugosloven u Braziliji* de 1929, o conjunto musical era o mais apropriado para a divulgação e preservação da cultura no contexto brasileiro. Podemos nos questionar sobre os porquês de eleger esse elemento de expressão cultural e não o folclore, a literatura ou a pintura, porém há de se ter em mente que esses grupos eram utilizados para animar todas as festas e comemorações da comunidade. A música era vista como um acompanhamento essencial de uma festividade croata, sem a qual não seria possível a sua realização. Poderia conter um grande número de integrantes, dada a quantidade de instrumentos (a maioria era de corda). Não podemos esquecer que no caso dos croatas do Brasil, o conjunto musical foi a primeira instituição fundada, com muitos anos de existência, exigindo um outro tipo de conhecimento, que não envolvia necessariamente o linguístico. Comunicar-se com os “seus” pressupunha diversas modalidades, a língua sendo somente uma, inclusive contida nos cantos e nas canções apresentadas.

Pertencendo ainda ao mesmo número do jornal que a veicula, a figura 2, que mostra o banquete organizado para receber o segundo cônsul, Natas Ilić, traz novamente à tona dois aspectos da vida comunitária: a relação entre a comunidade com os representantes vindos da terra mãe, que, no caso desse cônsul, se mostrou, como vimos, bastante conflituosa por conta das acusações que fez à liderança da comunidade (PUH, 2018); a menção de que a festa teria acontecido no espaço da associação tchecoslovaca *Spolek Slavija*, a mesma que os croatas ajudaram a construir na virada do século XX, mostrando a relação próxima, inclusive espacialmente, que os croatas mantinham no contexto brasileiro com os tchecos e os eslovacos. A proposta pan-eslava ia além do unitarismo iugoslavo, dialogando também com outros grupos eslavos com expressão maior no país.

Prosseguindo com os trechos do mesmo número, indicamos a figura 3 da Seção dos Jovens da *Sociedade Jugoslava*, em que se comenta a “potência” dos jovens na comunidade. A confirmação da existência da seção da diversão e da juventude também é feita por Talan (1998) e Marinović Doro (1987), mas citando outro nome para a instituição à qual pertencia - *Jugoslavenski Narodni Dom Belem* (Clube Nacional Iugoslavo), provavelmente sendo a mesma instituição com diferentes nomenclaturas. Nos interessa a menção da *Jugoslavensko Potporno*

Društvo (Sociedade de Apoio Iugoslavo), que foi transformada no supracitado clube, como mais um elemento que confirma a grande quantidade de instituições que surgiram e desapareceram ou, ainda, receberam outro nome e se modificaram. Tanto essa seção como a anterior tem o aspecto geográfico marcado – Mooca e Belém, bairros nos quais a partir dos anos 1930 se concentrará uma razoável parte da comunidade que, como já discorremos, se tornará predominante nos registos midiáticos enviados à pátria e, por consequência, na memória. Além disso, mostra a importância das seções dos jovens como elemento essencial da organização e funcionamento das instituições organizadas por croatas nessa época.

A figura 4 nos leva, aproximadamente, para 10 anos adiante, momento em que a primeira embaixada estava sendo organizada no Brasil, para lembrar que as informações podem ser encontradas em lugares aparentemente inusitados, como no jornal *Slovenski List* (Jornal Esloveno) de Buenos Aires, publicado em setembro de 1939. A presença desse documento, o qual posteriormente integrou o quadro informativo sobre a imigração no Brasil do extinto Museu da Emigração, se deve ao envolvimento de dois elementos nacionais: o esloveno, que mantinha o seu jornal e publicou a notícia, e o argentino, por existir um grande número de publicações que relatavam muitos eventos ocorridos no Brasil. Esses fatos reforçam as observações de Schiller sobre a necessidade de prestarmos atenção à rede de contatos que existia entre os imigrantes, para que possamos ter um melhor entendimento de como se formam a história e a identidade de uma etnia ou nação individual.

Encontramos um excerto complementar na figura 5 com fotografia que faz parte do mesmo evento, a visita do embaixador Cvjetiša à comunidade, em 1939. Mostra crianças em idade escolar, isto é, os filhos dos imigrantes, em uma recepção bastante formal e solene, com bandeiras e roupas uniformizadas. Trazemos também aqui a notícia de que havia um curso oficial para descendentes de imigrantes (PUH, 2018), iniciado em 1937, mostrando que, com certa demora, se conseguiu organizar um projeto educativo da comunidade, embora não tenhamos foto da escola ou das turmas.

Queremos destacar que este material jornalístico, transformado em material museológico, nos possibilitou evidenciar mais ainda o patrimônio croata. Assim, destacamos o seu protagonismo documental nesta comunidade, não apenas como elemento secundário na sua vida, isto é, como mera ilustração. São jornais estritamente ligados a seu espaço de produção e que nós, atualmente, entendemos também como patrimônio, pelo fato de as gráficas e as instalações do conselho editorial estarem normalmente junto com as demais instituições culturais (clubes, salas de leitura, consulados etc.), evidenciando uma

codependência e integrativo da atuação comunitária. Mas não foram importantes somente para a construção dessa narrativa complexa e diversa, uma vez que as informações contidas nos seus diversos números possibilitaram a criação de mapeamentos geográficos das instituições públicas, entidades comerciais e residências privadas, apresentados em Puh (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas ideias e observações surgiram durante a leitura dos documentos e dos relatos que falam da vida pública da comunidade croata entre os anos 1920 e 1950. Encontramos muitos dados em lugares ainda pouco explorados, como três pastas que preservavam o material utilizado para fazer a exposição do Museu do Emigrante em Zagreb e que, no nosso caso, acabou servindo como documentação histórica. Lembramos que a documentação encaminha sempre para um viés ideológico; portanto é importante, ao ler os documentos, procurar entender os pontos de partida do autor e da revista, equilibrando-os para criar uma narrativa histórica da comunidade.

Percebemos que nesse período comunidade se auto-organizava, mesmo que seus empreendimentos fossem de duração efêmera, como a existência de muitas associações e sociedades que fechavam as suas portas com a mesma facilidade com que as abriam. Tal volatilidade, nos parece, é resultado tanto do descuido do país de origem, combinado com as proibições e restrições do país de recepção, especialmente depois de 1930, com a ascensão de Vargas. Portanto, o impasse com a situação dos estrangeiros em terras brasileiras e, em especial, em terras paulistas, fica evidente com a pesquisa que deixa claro que a participação estrangeira nesse capítulo da história dos anos 1930 em diante está muito mais ligado ao segmento que foi silenciado pela historiografia e pelos memorialistas - a classe operária, da qual a comunidade croata, especialmente aquela vinda da região da Dalmácia, fazia parte quase em sua integralidade (PUH, 2018). A inquietação desse setor com relação à situação nacional dos trabalhadores é pouco mencionada nas histórias oficiais sobre os acontecimentos dessa década, constata Capelato (1981), contribuindo para com a invisibilidade daqueles que participavam dessa comunidade (PUH, 2018). Cabe ressaltar que, no período de 1930 a 1950, o país passou por grandes transformações em suas bases econômicas, passando de país predominante agrícola para um país com sua força econômica na indústria, transformando seu cenário predominantemente rural em urbano (PUH, 2019).

A corrupção interna nas comunidades também pode ser atribuída aos agravantes da

situação, especialmente se lembrarmos que a maior instituição da época, “Ajuda Mútua”, foi eliminada basicamente por conta da atuação das suas lideranças. Desse modo não há, tampouco, espaço para a vitimização da comunidade como exclusivamente sofredora de processos externos de invisibilização, pois também processos internos, efetivos e discursivos ajudaram a velar a existência de seu patrimônio no contexto urbano de São Paulo.

Por outro lado, certamente o tamanho e o crescimento acelerado da cidade de São Paulo ajudaram na dissipação dos imigrantes croatas, acompanhados do desequilíbrio estrutural que favorecia algumas etnias maiores e mais ricas (como italianos, húngaros e germânicos), deixando os croatas em tal desvantagem, que tiveram que procurar outros modos de garantir alguns direitos, assimilando-se, na medida do possível, nas comunidades maiores. Mesmo assim, encontramos muitos exemplos de imigrantes que exerceram a sua identidade croata e procuraram mantê-la em um ambiente hostil, que fez com que sua voz durante muito tempo fosse silenciada. Aqui devemos dizer que o próprio desequilíbrio estrutural é um grande fator nesse silenciamento, reforçando a atuação individualista e assimilacionista, deixando que a população vulnerável fique distante da comunidade por ter que procurar meios para se sustentar economicamente. Faltava-lhes tempo quando não se aborreciam com as tensões e embates ideológicos entre os unitaristas iugoslavos e os emancipacionistas croatas.

Por isso, é extremamente importante entendermos os efeitos nocivos dos conflitos e das dificuldades que impossibilitam o desenvolvimento da comunidade em outros segmentos, pois sem o entendimento dessas condicionantes, fica difícil entender a época, recaindo no “evidentismo” da perda da memória oficial e coletiva, isto é, da inexistência de um patrimônio. Ir além daquilo que parece e das informações muito evidentes nos ajuda a ter uma compreensão mais ampla e profunda de um período ainda constitutivo da comunidade e sobre o qual se sabe pouco. Aproveitamos para explorar um pouco mais as redes que a comunidade estabelecia com imigrantes croatas nos demais países latino-americanos, principalmente Argentina, o diálogo profícuo com os eslovenos e a colaboração intensa com os jornais croatas *Obzor* e *Novi Iseljenik*, presentes no Arquivo nacional croata.

Ressaltamos que exploramos um lado do patrimônio croata que não está só em construções físicas ou na criação de instituições, está também nas memórias afetivas da culinária e nas músicas que até hoje são executadas pelos descendentes em diversas ocasiões. Porém, procuramos justamente conectar esse patrimônio não institucional de uma memória coletiva repassada de geração a geração com aquele institucionalizado, facilitando o contato

direto com essa história para aqueles que não pertencem diretamente à comunidade, mas também desejam conhecer e conviver com ela, refletindo o que significa recriar e manter patrimônios étnicos vivos na São Paulo globalizada de hoje.

REREFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAPELATO, Maria Helena. **O movimento de 1932: a causa paulista**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CAMARGO, Katia Gavranich. Na terra dos dálmatas: um mapeamento afetivo dos bairros do Belenzinho e da Mooca. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação do SESC**, São Paulo, n.4, p.183 – 193, 2017.

DECOL, René D. Uma história oculta: a imigração dos países da Europa do Centro-Leste para o Brasil. In: **Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 2000, Campinas: PUC Campinas, 2000.

GLICK SCHILLER, N. A global perspective on transnational migration: theorising migration without methodological nationalism. In: **Diaspora and transnationalism: concepts, theories and methods**. Amsterdam: Amsterdam Univ. Press., p. 109-129, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Centauro Editora. São Paulo 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LOTMAN , I. As três funções do texto. In: **Por uma teoria semiótica da cultura**. Belo Horizonte: FALE; UFMG, 2007..

MARINOVIĆ DORO, Norma. **A imigração iugoslava no Brasil**, tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 1987.

MATOS, M. I. S., TRUZZI, O., CONCEIÇÃO, C. F. Mulheres imigrantes: presença e ocultamento (interiores de São Paulo, 1880-1930). **Revista Brasileira De Estudos De População**, n. 35(3), p. 1-25, 2018.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos. O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação. **Antíteses**, v. 7, n. 14, p. 45-67, 2014.

PORTES, Alejandro; WALTON John. **Labor, Class, and the International System**. New York: Academic Press, 1981.

PUH, Milan. Nas manhas do poder: o histórico da independência linguística e cultural na Croácia e no Brasil nos séculos XIX e XX. **Revista Escrita (PUCRJ. Online)**, v. 19, p. 183-199, 2014.

PUH, Milan. **A Croácia no Brasil: histórias de uma imigração**. São Paulo: Croatia Sacra Paulistana, 2015.

PUH, Milan. **A Croácia no Brasil até 1918: primeira fase da imigração**. São Paulo: Croatia Sacra Paulistana, 2017.

PUH, Milan. **A Croácia no Brasil entre 1918 e 1941: segunda fase da imigração**. São Paulo: Croatia Sacra Paulistana, 2018.

PUH, Milan. **A Croácia no Brasil após 1941: terceira fase da imigração**. São Paulo: Croatia Sacra Paulistana, 2019.

RUSEISHVILI, Svetlana. Perfil sociodemográfico e distribuição territorial dos russos em São Paulo: deslocados de guerra da Europa e refugiados da China após a Segunda Guerra Mundial. **Revista Brasileira De Estudos De População**, Campinas: v.35(3), p.1-20, 2018.

SEIBT, Cezar Luís. Fenomenologia hermenêutica, circularidade e desocultamento. Caldas, Colombia: **Discusiones Filosóficas**. Ano 13, n.20, p. 243-254, 2012.

TALAN, Nikica. **Croácia-Brasil: relações histórico-culturais**. Zagreb: Društvo hrvatskih književnika, 1998.

Figuras:

Figura 1 (Orquestra de tamburica da sociedade da Cooperativa Nacional Iugoslava⁷)



⁷ Localizado no Arquivo Nacional da Croácia (HDA, Museu da Emigração, série 1619, caixa 3).

Figura 2 (banquete da recepção ao cônsul Natas Ilić⁸ em 1929)



Figura 3 (Seção Jovem de Diversão após ensaio⁹)



⁸ Arquivo Nacional da Croácia (HDA, Museu da Emigração, série 1619, caixa 3).

⁹ Arquivo Nacional da Croácia (HDA, Museu da Emigração, série 1619, caixa 3).

Figura 4 (Visita do embaixador Frano Cvjetiša à comunidade¹⁰ em 1939)



Figura 5 (Crianças da escola cumprimentando o embaixador Frano Cvjetiša¹¹)



¹⁰ Arquivo Nacional da Croácia (HDA, Museu da Emigração, série 1619, caixa 5).

¹¹ Arquivo Nacional da Croácia (HDA, Museu da Emigração, série 1619, caixa 5).